



UM QUADRO GLOBAL DAS LINHAS FUNDAMENTAIS DO ENSINO SOCIAL CATÓLICO

Compêndio da Doutrina Social da Igreja é uma obra nova e oferece um quadro global das linhas fundamentais do ensino social católico. Trata-se de um instrumento de discernimento moral e pastoral dos complexos eventos que caracterizam o nosso tempo.

A estrutura da obra traz uma introdução e três partes que discorrem

respectivamente sobre: os pressupostos fundamentais da doutrina social da Igreja, seus conteúdos e temas clássicos mais recorrentes; e indicações para aplicação na prática pastoral. A conclusão, com o título *Para uma civilização do amor*, manifesta o entendimento de fundo de todo o documento.



Telemarketing
0800 - 7010081

A ESSÊNCIA TRINA DE DEUS NOS CANTARES DA LITERATURA BRASILEIRA

NA PROSA: PADRE ANTÔNIO VIEIRA
NA POESIA: GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA

Profa. Dra. Geni Bertoni Nimtz¹

RESUMO

Padre Antônio Vieira e Gregório de Mattos, prosador e poeta respectivamente, através do conteúdo do Sermão de Pentecostes e do soneto À Conceição Imaculada de Maria Santíssima, apresentam a temática: A Essência Trina de Deus, particularizando a Pessoa do Espírito Santo na Literatura Barroca, século XVII. Essa temática vem demonstrar – pela análise literária, bíblica e teológica do referido sermão e da poesia citada – a presença de uma teologia teocêntrica, marcada pelo caráter pneumatológico, cujo referencial (a cena de Pentecostes, na prosa, e a explicação da Trindade sob a ótica pneumatológica e mariana, na poesia) encontra-se identificado pelo mistério da Encarnação e da Redenção do Verbo, motivo que permite aos autores estabelecerem um verdadeiro tratado sobre a presença do Espírito Santo na missão da Igreja e em Maria, através da contemplação do Deus Trinitário.

ABSTRACT

Priest Antonio Vieira and Gregorio de Mattos, respectively prose writer and poet, presents by the content of the Sermon of Pentecostes and soneto To the Immaculate Conception of Mary, the thematic: The Trinity Essence of

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira; doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

God, distinguishing the Saint Spirit's Person in the Baroque Literature, of the XVII century. This thematic demonstrates - in literary, Biblical and theological analysis of the related sermon and poetry - the presence of a teocentric theology, marked for the pneumatologic character, whose referencial (the scene of Pentecostes, in prose, and the explanation of the Trinity through the lens of pneumatic and Virgin Mary, in the poetry) is identified by the mystery of the Incarnation and the Redemption of the Verb, reason that allows the authors to establish a true treat of the Saint Spirit's presence in the mission of the Church and on the person of God's mother Mary, through the contemplation of the Trinitary God.

INTRODUÇÃO

Para se entender a presença da literatura bíblica no Período Barroco, tendo como parâmetro literário a prosódica (Padre Antônio Vieira) e a poética (Gregório de Mattos), esta em sua dupla face, é mister que se faça um retrocesso no tempo até o alcance dos meados do ano de 1600 – século XVII – tempo que traça o perfil inconfundível da corrente literária em questão, também chamada de Literatura Seiscentista. Na prosa, tal literatura ganhou destaque com as produções de Vieira, das quais extraio para estudo o Sermão de Pentecostes; na poesia, o endereçamento é para a coletânea sacra de Gregório de Matos, da qual utilizo somente o soneto denominado À Imaculada Conceição de Maria Santíssima, cujo tema, sob a perspectiva mariana, está centrado no Mistério da Encarnação, com referência à verdade teológica da Trindade.

Para bem situar os dois autores do Barroco, é necessário dizer que a literatura de ambos encontra assento histórico no acontecimento da escravidão, período político de pertença da Colônia à Metrópole. Através desse dado, é possível reconhecer os subtemas da prosa de Pe. Vieira – em expoência o Sermão de Pentecostes – bem como os existentes na poesia barroca, tanto profana (Prosopopéia, poema de Bento Gonçalves²), quanto sagrada

² Bento Gonçalves, poeta português, mas que se fazia passar por brasileiro, natural de Pernambuco, é considerado o introdutor do Barroco no Brasil. Seu poema encomiástico, *Prosopopéia*, endereçado a D. Jorge Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco, foi publicado em Lisboa, em 1601, criando o marco inicial do Barroco no Brasil. À semelhança de *Os Lusíadas*, trata-se de um poema épico, escrito em versos decassílabos, num total de noventa e quatro estrofes. Nele, Bento Teixeira tece elogios a D. Jorge, tendo em vista a excelência de seu cargo político.

(quadrinômio de sonetos sacros³, de Gregório de Mattos, em louvor ao Cristo Crucificado, sonetos de louvação ao Sacramento da Eucaristia⁴, sonetos de veneração a Maria, em um dos quais a menção do Espírito é parte constitutiva do conteúdo poético, e sonetos que deixam transparecer, pelos recursos estilísticos utilizados, a presença da vida eterna).

Em relação à prosa de Vieira, percebo ser necessário apresentar o conteúdo temático do Sermão de Pentecostes⁵, em sua característica cristológica, pneumatológica e eclesiológica⁶, assim como mencionar a coletânea sacra de Gregório, em sua tríplice temática: a temática cristológica (Cristo, como Cordeiro imolado e exaltado e como sacramento eucarístico), escatológica (existência da vida eterna, como o bem maior daqueles – cuja vida em Cristo vivida – propõe-lhes o alcance) e pneumatológica (presença do Espírito Santo na obra da Criação, da criação de Maria e da Encarnação do Verbo).

O processo de análise e síntese, com referência à poética, tem como conseqüência a descoberta dos valores cristãos, identificados pelo trinômio: perdão/salvação/reconhecimento do Espírito como Pessoa da Trindade/ valores tais que fixaram a existência do poeta e sua arte de escrever (anos derradeiros) num gesto de oblação ao Cristo Crucificado e de elevação espiritual a Deus, num tempo e numa cultura de há mais de três séculos, anais formadores do contexto histórico e cultural do autor, cuja vida e obra – em aspecto parcial – fazem parte pesquisa. O tema deste trabalho, concentrado no estudo da Essência Trina de Deus, particularizando a Terceira Pessoa da Trindade, tem

³ Os subtemas aí existentes envolvem a apresentação de verdades teológicas, tais como: a preexistência de Cristo, a Crucifixão e Exaltação do Cordeiro, o amor e a misericórdia de Deus através do relato da parábola da Ovelha Perdida...

⁴ Subtema: a indignidade do homem diante da magnitude do Sacramento Eucarístico, denominado pelo autor de *Manjar dos Anjos*.

⁵ Também chamado de *Sermão do Espírito Santo*. Pregou-o, Vieira, na cidade de São Luís do Maranhão, na Igreja da Companhia de Jesus, no momento em que religiosos jesuítas partiam em missão para o Rio das Amazonas (cf. Antônio VIEIRA. *Sermões*. Vol. V. Lisboa: Lello & Irmão, 1945, p. 401). Nesse discurso, Vieira expõe com palavras eloqüentes a cena de Pentecostes, explorando as imagens do vento e do fogo, como uma manifestação da força de Deus, que vem dinamizar a proposta do envio, enchendo de calor missionário o coração ainda débil dos apóstolos

⁶ "Pentecostes é também o momento do nascimento pleno da Igreja. Até Pentecostes, a comunidade dos discípulos de Jesus está parada, estática. Não sabe que rumos tomar. Por meio do Espírito Santo, ela se transforma em movimento missionário". (cf. Benedicto Beni dos SANTOS. *O Espírito Santo, nossa força*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 90)

como referencial os seguintes pontos: a) a narrativa da cena do discurso de Jesus na sinagoga (Lc 5, 16-20) e o relato da cena de Pentecostes (At 2, 1-4), ambos utilizados por Vieira em seu sermão; b) a Conceição Imaculada de Maria⁷, objeto do soneto de Gregório de Mattos, ponto desenvolvido a partir de uma análise textual da poética (poema escolhido⁸). Sobre esta forma redacional incide a estrutura da fraseologia em seus aspectos morfológicos e semânticos, bem como um conteúdo revelador da presença do Espírito, em concordância com o tema bíblico acima mencionado, presente nos sinóticos (Mateus e Lucas) e com o tema do Batismo de Jesus por João Batista, parte integrante da redação dos Evangelhos Sinóticos e do Quarto Evangelho em seus primeiros capítulos. A análise da prosódia e da poética envolve estudos literários, acontecimentos históricos ilustrativos, referências bíblicas de suma importância e considerações teológicas decorrentes do Período Literário Barroco, século XVII, na possibilidade de uma interligação das duas literaturas: a Barroca e a Bíblica, da qual os Evangelhos Sinóticos e os Atos dos Apóstolos são o esteio. Nesse sentido, é válido dizer que prosa, poesia e texto bíblico circundam a temática proposta⁹. E é nesse sentido que se estabelece certo diálogo da Teologia com a Literatura, diálogo que emerge de uma experiência de vida incorporada na cultura de um povo. Assim, uma possível dialética entre essas duas áreas tende a presentificar as manifestações comportamentais do ser humano, extraindo-se desse encontro uma rica antropologia a ser trabalhada pelo estudo de análise e síntese. De tal modo, tempo histórico e momento literário, ambiente geográfico (dados expressivos de toda e qualquer cultura) e ser humano compõem a trilogia literária, parâmetro inconfundível para uma reflexão teológica. "Colocada diante da Teologia, a Literatura com ela se inter-relaciona, não somente por suas mediações, mas também pelos seus conteú-

dos e pela possibilidade que ambas têm de percepção e interpretação da realidade"¹⁰. Assim pensando, acredito ser a Literatura um leito de águas abundantes sobre o qual navega, tranqüila e serena, a Teologia... Tais afirmações exemplificam o quanto a Literatura pode abrir campo para o fazer teológico, o que acredito ser verdadeiro no que diz respeito às produções literárias de muitos autores nossos, carregadas de verdades teológicas. Para ilustrar os pressupostos acima, é necessário priorizar a literatura e teológica da obra do Pe. Antônio Vieira e do Doutor Gregório de Mattos e Guerra, prosador e poeta do século XVII, respectivamente.

Analisando forma e conteúdo do Sermão de Pentecostes e do soneto Conceição Imaculada de Maria Santíssima, tem-se em mãos o assunto: A Essência Trina de Deus, particularizando a Pessoa do Espírito Santo na Literatura Barroca, assunto que apresenta os seguintes objetivos: a) Demonstrar, através da análise literária, bíblica e teológica do **Sermão de Pentecostes**, de Vieira, e do soneto **À Conceição Imaculada de Maria Santíssima**, de Gregório de Mattos, a presença de uma teologia teocêntrica, marcada pelo caráter pneumatológico, cujo referencial (a cena de Pentecostes, na prosa, e a explicação da Trindade sob a ótica pneumática e mariana, na poesia) encontra-se identificado pelo mistério da Encarnação e da Redenção do Verbo, motivo que permite aos autores estabelecerem um verdadeiro tratado sobre a presença do Espírito Santo na missão da Igreja e em Maria, através da contemplação do Deus Trinitário. b) Fazer emergir, através dessa mesma análise, alguns aspectos pertencentes a conteúdos teológicos importantes, quais sejam: a Divindade de Jesus Cristo¹¹, pela menção indelével de sua preexistência, como Pessoa da Trindade, ponto de partida para a compreensão da teologia do Espírito (*rhuah*); os ícones identificadores de Maria em sua relação com a Essência Trina de Deus; e o símbolo revelador do Espírito – a *Pomba*¹² – na criação de Maria, a qual é considerada como obra piedosa dessa mesma essência. c) Justapor, através da análise do sermão e do soneto já mencionados, as duas

⁷ "No primeiro instante de sua concepção, pela graça e pelo privilégio de Deus Todo-Poderoso, e em grande consideração aos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, a Virgem Maria foi preservada e isenta de toda a mancha do pecado original" (DS 28,3) – Bula INEFFABILIS DEUS, de 8 de dezembro de 1854 – Acta Pii IX, Ia, 616 – (Denziger 1651).

⁸ Poesia sacra de Gregório de Mattos, intitulada: *À Conceição Imaculada de Maria Santíssima*, onde o autor menciona as Três Pessoas Divinas no constante ao Mistério da Encarnação. A referência ao Espírito Santo é encontrada nesse soneto sob o símbolo da *Pomba*, o que supõe o conhecimento do autor em relação a textos bíblicos específicos, no caso: o Batismo de Jesus (cf. Mt 3, 16-17; Mc 1, 9-10; Jo 1, 31-32).

⁹ O embasamento dessa afirmativa se encontra no fato de ser a prosa de Vieira e a poesia de Gregório (já especificadas em seus títulos) aquelas que melhor identificam o tema a ser exposto.

¹⁰ Antônio MAGALHÃES. Deus no espelho das palavras; Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 90

¹¹ Como fundamento bíblico para esse ponto teológico será citado, posteriormente, o Evangelho de Jo 1, 1-30

¹² Tal referência ao Espírito Santo faz parte do contexto em que se situa o Batismo de Jesus, ocasião em que a Essência Trina de Deus se fez presente em suas Três Pessoas: o Pai, o Filho, o Espírito Santo (cf. Mc 1, 9-11; Mt 3, 16-17).

literaturas – Barroca e Bíblica – em seu elemento principal: o *Belo*, numa identificação sublime entre a forma (requisite da linguagem, preciosidade de termos, utilização de figuras de linguagem) da primeira e o conteúdo excelso (o processo dinamizador do Espírito – prosa – e Maria, em relação ao Pai, ao Filho e ao Espírito – poesia) da segunda.

Para melhor compreender o exposto, é preciso estabelecer uma forte ligação entre o Período Barroco e a literatura de cunho pneumatológico, tendo-se como instrumental a prosa de Pe. Antônio Vieira, na contemplação do *Sermão de Pentecostes*, bem como a poesia de Gregório de Mattos, contemplando o soneto *À Conceição Imaculada de Maria Santíssima*.

Examinando-se o texto de Vieira – *Sermão de Pentecostes* – em seu aspecto literário e religioso, no que concerne à realidade lingüística (morfologia, semântica, construção frasal) e religiosa (presença de verdades teológicas, extraídas dos textos bíblicos correspondentes), tem-se como referência o episódio da vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos, cumprimento que é da promessa messiânica. O texto de Vieira sugere um estudo pormenorizado das manifestações do Espírito, uma vez que menciona os símbolos do *vento* e do *fogo*, constantes na literatura bíblica. A união do Espírito com o Filho, Terceira e Segunda Pessoas da Trindade, respectivamente, também será alvo de apontamentos específicos, pois tanto a Escritura quanto o Barroco apresentam uma teologia concorrente.

A análise da poesia de Gregório de Mattos, em suas características literárias, bíblicas e teológicas sugere o pensamento de que o fundamento embasador dessa análise encontra identificação em determinadas passagens do Evangelho, mais propriamente dos Sinóticos, uma vez que se referem à pessoa da Virgem em suas imagens de *Mãe, Esposa, Filha e Templo*. Nessas imagens, está implícito o caráter trinitário de um Deus que se fez humanidade (interpretação da segunda quadra do soneto), e que realizou no Amor e pelo Amor a obra mais perfeita da Criação: Maria.

A sabedoria bíblica e teológica do pregador, somada à erudição literária, tornava-se responsável pela edificação de uma cristologia presente nos discursos por ele proferidos, conduzindo os ouvintes – nesse caso, os negros – a uma reflexão sobre os mistérios de Cristo, professados no rosário. Assim, verdades teológicas como a Redenção da humanidade pelo sacrifício de Cristo, a atitude de servidão presente em Cristo (*Domino Christo Servitae*), a vida eterna como recompensa pelos sofrimentos e resignação a que eram subme-

tidos os escravos, a crença no mistério do Santíssimo Sacramento, propunham a eficácia da evangelização, ao mesmo tempo que destacavam – sobremaneira – a importância de uma teologia de caráter cristológico que perpassou toda a época colonial¹³. E foi a linguagem de Vieira, carregada de um purismo literário e religioso, a grande e extraordinária força motriz que primou pela apresentação do endereço de Cristo aos fiéis de uma época altamente contraditória em relação aos valores teológicos, possibilitando pelos séculos subsequentes o canal hegemônico do contato com o sagrado¹⁴.

É certo que a linguagem de Vieira, embora dominada por um certo classicismo lingüístico (construção frasal em hipérbatos, comparações, eufemismos), trouxe uma riqueza invejável de exemplos populares, exemplos tais considerados ilustrativos do modelo cristocêntrico, resgatado da teologia medieval pelo momento histórico-literário do século XVII. Nesse sentido, a apresentação da imagem de Cristo¹⁵, adornada de fins catequéticos, emerge em sua oratória, através da revelação de um conteúdo doutrinário riquíssimo, o que se tornou assento eloqüente para o acanhado início de uma teologia do Espírito¹⁶, fato esse que pode ser confirmado por dois de seus sermões: *Exortação Primeira em Véspera do Espírito Santo* e *Sermão de Pentecostes*, também

¹³ Luís RONCARI. *Literatura Brasileira (dos primeiros cronistas aos últimos românticos)*. São Paulo: Edusp, 1995, p. 158, em alusão ao Sermão Vigésimo Sétimo, com o Santíssimo Sacramento exposto (série: Maria, Rosa Mística).

¹⁴ Antônio MAGALHÃES. *op. cit.* p. 209

¹⁵ "Os sermões, as verdades, as doutrinas que pregamos não é nossa, é de Cristo. Elle a disse, os evangelistas a escreveram, nós a repetimos. Pois se estas repetições são tantas e tão continuadas, e a doutrina que pregamos não é nossa, senão de Cristo, como aprendem tão pouco os que a ouvem"? (Cf. Antônio VIEIRA. *Sermão de Pentecostes in: Sermões*. *op. cit.* p. 402). Torna-se claro, nesse pequeno fragmento, a intenção de Vieira, que não é outra senão a de admoestar, de maneira sutil, a assembléa a ser evangelizada. A indignação de Vieira pela ausência de atenção dada a seus discursos é devida ao fato de estar ele dando a conhecer a Pessoa de Cristo a quem parece fazer descaço dela. Tal afirmativa é notória no trecho em questão, tendo em vista o uso insistente de uma fraseologia hiperbólica ("pois se estas repetições são tantas e ...").

¹⁶ "Ille vos docebit omnia quaecumque dicero vobis". É assim que o brilhante pregador barroco dá início ao que seria o aivorecer de uma teologia pneumatológica; a referência da oração em latim, considerando-se o pronome pessoal *Ille* (Ele), é endereçada diretamente ao Espírito Santo, cf Jo 14, 26. "Ele (o Espírito) vos ensinará tudo aquilo que eu vos disse", significa que há uma diferença notável entre os termos *ensinar* e *dizer*, o que aparece explícito no fragmento seguinte: "Não diz Christo que o Espírito Santo é quem lhes *dirá* o que eu lhes tenho *dito*, nem diz que o Espírito Santo é quem lhes *ensinará* o que eu lhes tenho *ensinado*, mas diz que o Espírito Santo é quem os *haverá de ensinar* o que eu lhes tenho *dito*, porque o pregador, ainda que seja Christo,

chamado *Primeiro Sermão do Espírito Santo*.

No sentido de reforçar toda uma cristologia emanada do profundo conceptismo de Vieira, enraizada na época histórica (Idade Média, predecessora do Barroco¹⁷) e no espaço geográfico da sociedade de então (Espanha e Portugal), os débeis horizontes humanos se abrem, desta vez, à escuta e ao alcance de uma nova realidade teológica a ser refletida, cultuada, vivida: a experiência do Espírito. Nesse particular, o grande prosador português faz de seus discursos sacros um veículo poderosamente eficaz, no sentido de permitir a passagem das verdades bíblicas, onde o Espírito era o pólo literário e teológico de sua oratória.

Partindo de Lucas 4,14-19, Vieira compõe, então, os primeiros traçados pneumatológicos da teologia do púlpito. A fraseologia, quase sempre desobedecendo à sintaxe regular de construção (presença de hipérbatos), procura dar ênfase à passagem bíblica acima mencionada, salientando a presença do Espírito, por ocasião do fato inaugural do ministério de Jesus, na Galiléia, e no ensinamento proposto por todos aqueles que se dispõem a pregar os valores do Reino. Assim:

“O sermão que ouvistes não é meu, senão do Eterno Pai que me mandou no mundo”, diz Cristo no Evangelho, e o mesmo podem dizer todos os pregadores¹⁸ ...

Dividido em sete grandes blocos redacionais, apresentando inúmeras inserções em latim, o Sermão de Pentecostes constitui-se num verdadeiro

diz que **aquele que ensina é o Espírito**. Os verbos utilizados por Vieira num trocadilho frasal tentam elucidar a divina missão de Cristo, amparada pela igualmente divina missão do Espírito: aquele é o Mestre, o que diz, o que profere palavras de vida a todos, porque todos ouvem, embora nem todos compreendam e aprendam; este é quem **ensina**, quem faz entender por dentro, porque **“só o Espírito alumia por dentro, por isso, se a luz de dentro é muita, aprende-se muito; se pouca, pouco; se nenhuma, nada”**. **Se o Espírito não alumia por dentro, todo o dizer, por mais divino que seja, é simplesmente dizer**” (ibidem).

¹⁷ Em conformidade com a História, tem-se como índice verdadeiro o fato de ter sido a Idade Média o período em que floresceu um tipo de religiosidade polarizada na figura de Jesus, o Homem de Nazaré, adorado como o Cristo, Filho de Deus, Rei do Universo. No sentido de homenagear o Cristo-Homem e o Cristo-Rei, as Artes, como: Arquitetura, Pintura, Escultura, Literatura, tornaram-se uma força expressiva autêntica de um modelo teológico fundamentado no cristocentrismo.

¹⁸ Ibidem, p. 401

postulado teológico-lingüístico acerca da missão do Espírito. Assim sendo, os elementos tropológicos: *dizer/ensinar; línguas/fogo; amor/sabedoria*, são expostos no discurso de Vieira não apenas como forma culta de expressividade literária, mas – principalmente – como fidelidade à literatura bíblica e ao semantismo encerrado por tais vocábulos em sua figuração teológica. Com isso, o objetivo catequético do grande orador – fazer com que os ouvintes percebessem a dimensão catafática da Terceira Pessoa da Trindade – presunha-se atingido.

O estilo metafórico¹⁹ de Vieira, ao se referir ao Espírito Santo, produziu este bellissimo trecho, cuja transcrição é a seguinte:

“Para ensinar homens infieis e bárbaros ainda que seja muito necessária a sabedoria, é muito mais necessário o amor. Para ensinar, sempre é necessário amar e saber, porque quem não ama, não quer e quem não sabe, não pode. A Segunda Pessoa, o Filho, e a Terceira, o Espírito Santo, ambas vieram ao mundo a ensinar e a salvar almas, mas é a missão do Espírito que é universal, por isso desceu e apareceu em tanta diversidade de línguas: apparuerunt dispertiae linguae. À Pessoa do Filho atribui-se a sabedoria, à Pessoa do Espírito, o amor”²⁰.

É de se notar o paralelismo existente entre a cristologia e a pneumatologia no Sermão de Pentecostes, identificado pela messianidade de Cristo e pela universalidade da ação do Espírito. Assim, entende-se o projeto salvífico do Pai, irrompendo por toda a humanidade, numa verdadeira comunhão de Pessoas. É o que a versatilidade literária e o conhecimento bíblico de Vieira reproduzem no texto abaixo, ao citar os elementos teológicos que afirmam ser Cristo o Messias e o Espírito Santo o realizador da promessa de Cristo:

“Do lado de Cristo, na Cruz, sahiu sangue e água (Exivit sanguis et aqua²¹); o sangue significava o preço da Redenção, e a água, a água do baptismo no Espírito, portanto, tem-se o Creio em Deus Padre, que resu-

¹⁹ Para Vieira, as metáforas sobre o Espírito tornam mais fácil a compreensão da identidade da Terceira Pessoa. Por isso, o uso freqüente desse recurso da estilística. É possível, ao ler o *Sermão de Pentecostes*, deparar-se com frases metafóricas: *raio de luz que desceu do céu, capaz de converter almas, força motriz da crença em Jesus, como o Filho de Deus; amor que “encomenda” o ensinar à sabedoria...*(cf. Bloco II, p. 402)

²⁰ Ibidem, p. 402-403.

²¹ Cf. Jo 29, 34

me o mistério altíssimo da Santíssima Trindade, mistério conhecido pela Encarnação, Morte, Ressurreição e Ascensão de Cristo, e também da vinda do Espírito Santo²².

Não fugiu à retórica de Vieira a iconografia própria do *pneuma*, por ocasião de Pentecostes. E é utilizando-se dela que o autor barroco transfere para a oralidade do púlpito toda uma crença na Essência Trina de Deus:

“Apareceram sobre os apóstolos muitas línguas de fogo, o qual se assentou sobre eles, conforme a promessa de Christo. Apareceram as línguas, mas foi o fogo que se assentou, porque as línguas não haviam de perseverar; acabaram, geralmente com os apóstolos. Porém, o dom do fogo, o dom do amor do Pai Eterno, esse se assentou: sedit supra singulos eorum²³.

A respeito do caráter universal da missão confiada aos apóstolos, a presença da Trindade recai sobre as palavras constantes no capítulo 28, versículo 19, do Evangelho de Mateus. Acrescidas de uma exegese bastante original, em vista da explicação feita em trocadilhos, supõe-se ter sido a intenção de Vieira apresentar o caráter dinamizador do Espírito:

“Christo disse aos apóstolos: praedicate omni creaturae. Não disse: ide pregar aos que remi, senão: ide pregar aos que creei; porque o remir foi obra de um dia; o crear, obra de todos os dias. Christo remiu uma só vez e está sempre remindo; O Pai creou uma só vez e está sempre criando, por isso, o Espírito Santo há de sempre ensinar o disposto a aprender, converter o disposto a aceitar. Vede que é necessário muito cabedal de amor divino para esta empresa²⁴.

Ao longo de toda essa preciosidade literária e teológica do século XVII, que é o *Sermão de Pentecostes*, percebe-se uma única e seleta verdade: o amor de Deus pela criatura é obra do Espírito, e quando o Espírito se derrama sobre as criaturas numa experiência incomum, ensina-se, aprende-se, profetiza-se, exorta-se, cura-se, tudo isso num contínuo agir e interagir de pessoas,

fatos, ocasiões; enfim: dilata-se a fé.

Concluindo, pode-se dizer que a Literatura do Brasil do século XVII gestou o homem das letras, Antônio Vieira, em sua exuberante prosódia. O conceptismo, mais do que o cultismo, num estilo de puro vernáculo, deu a ele a expoência tanto na escrita quanto na oratória. O homem do púlpito soube, como ninguém, comunicar as coisas do alto a uma singular assembléia. Entre as *Profecias, Cantos e Sermões* – corpus literário-teológico de sua obra – o legado precioso, concedido à sociedade de então (e por que não à posteridade?) pertence aos *Sermões*, num total de quase duzentos. Nestes, o melhor de suas idéias e conceitos, segundo os ensinamentos da retórica dos jesuítas:

“refletindo o valor religioso da Contra-Reforma, a literatura de Vieira, em particular Os Sermões de marca cristã acentuada, resgata, de certa forma, o caráter pedagógico da literatura jesuítica, voltado para a catequese²⁵.

Foi assim que o Período Barroco sentiu a obra do Padre Antônio Vieira nas questões concernentes ao Mistério da Trindade. Foi assim o início do delinear de uma Teologia do Espírito... E a Literatura Brasileira deu testemunho dessa Teologia.

A par da prosódia de Vieira, a Teologia do Espírito, na Época Barroca, também encontrou lugar para sua expressividade na poética de Gregório de Mattos, embora o feito em questão tivesse acontecido de maneira um tanto débil e, de certa forma, ofuscada por um cristocentrismo marcante em toda a obra sacra do autor. Nesta, o vigor literário sobressalente, o cultismo por demais acentuado, os conceitos teológicos expostos, tornaram a poética sacra de Gregório um meio de absoluta eficácia no constante à evangelização, a tal ponto que o poeta mereceu do conterrâneo prosador o seguinte comentário:

“ Maior fruto fazem as poesias de Mattos do que os sermões de Vieira²⁶.

Temas como a preexistência de Cristo, a Encarnação do Verbo, a Redenção, o Cordeiro Imolado e Exaltado, a Eucaristia, a Vida Eterna, o Corpo

²² Bloco V do *Sermão de Pentecostes*, p. 425. Tais palavras foram ditas no momento em que as esposas dos senhores de engenho eram exortadas a ensinar às suas escravas, com fidelidade cristã, as verdades da fé católica.

²³ Bloco IV do *Sermão de Pentecostes*, p. 421-422

²⁴ Bloco V do *Sermão de Pentecostes*, p. 414-415

²⁵ ERNANI e NICOLA. *Gramática, Literatura e Redação*. São Paulo: Scipioni, 1997, p. 215.

²⁶ José VERÍSSIMO. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 77.

Místico, foram trabalhados em seus poemas, numa amostragem da fenomenologia da fé em Cristo, deixando transparecer o cunho próprio e fundamental da cristologia barroca: *Jesus Cristo em si mesmo – sua natureza, sua palavra, seu caminho, sua práxis, sua vida*. Foi assim que se manifestou ao mundo, nos últimos anos do século XVII, a poética sacra do Dr. Gregório de Mattos e Guerra.

Conhecedor do Mistério do Cristo Encarnado e Ressuscitado, crente na íntima relação do Pai com o Filho na essência da Trindade, o poeta encontrou – em sua lírica – o lugar propício para a apresentação da fisionomia teológica do Espírito²⁷; e o fez através de Maria, propagando ao mundo sua concepção virginal, fato que deveria receber, séculos mais tarde, a atribuição de dogma²⁸. Eis o soneto²⁹:

²⁷ Geni Bertoni NITZ. *O Teocentrismo no Barroco Brasileiro: uma análise literária, bíblica e teológica da poesia de Gregório de Mattos e Guerra* (dissertação de Mestrado) p. 155, apud Afrânio PEIXOTO. *Obras de Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro: publicação da Academia Brasileira de Letras, p. 116

²⁸ Por volta do século VII, em Roma, surgiu uma festa litúrgica em homenagem à Conceição de Maria, considerada muito mais perfeita e gloriosa que a concepção de João Batista, santificado que fora já no ventre materno. Crescia na consciência cristã, através da piedade, a intuição da Imaculada. Em detrimento das palavras de Santo Agostinho: "a condição original da concepção de Maria se anula pela graça da Redenção", (AGOSTINHO. *Opus imperfectum adv. Julianum*. 1417, 4), surgiram teólogos, como Santo André de Creta e Santo Anselmo, os quais diziam *não haver criatura mais pura e santa do que Maria*. Tal afirmativa, embora reforçada pelo dizer de Santo Tomás de Aquino, alta Idade Média "tão imune do pecado quanto possível à condição de redimida por Cristo, Redentor Universal" (Thomás de AQUINO, III^o, q 27, a 2), não permitia, ainda, a possibilidade de se justificar, teologicamente, a idéia de isenção do mal, desde o instante de sua concepção. Foi o franciscano Duns Escoto quem teve a honra de explicitar a justificativa teológica, falando que "o ato redentor de Cristo fora tão perfeito, a ponto de preservar do pecado original, sua Mãe" (Cf. C. BALIC. *Joannes Duns Scotus, Doctor Immaculatae Conceptionis*. Roma, 1954). Santo Ireneu (1080), e mais tarde, São Leão, este com as sábias palavras: "a água do batismo é semelhante ao seio da Virgem, porque o mesmo Espírito Santo que encheu a Virgem, enche a fonte" (Sermão 24, 3, do Natal). Diante da confirmação desses dados históricos, no século passado, Pio IX, na bula *Ineffabilis Deus*, definiu solenemente a Imaculada Conceição "Declaramos, pronunciamos e definimos que a doutrina, segundo a qual a Santíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus Todo-Poderoso, e em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, tenha sido preservada imune de toda mancha da culpa original, é doutrina revelada por Deus e, por isso, deve ser crida firme e constantemente por todos os fiéis" (dz. 1641). Cf. Cirilo Folch GOMES *Riquezas da Mensagem Cristã*. Rio de Janeiro: Lumen Christi. 1981, p. 446-447

²⁹ José Miguel WISNIK. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix. 1997, p. 314

À CONCEIÇÃO IMACULADA DE MARIA SANTÍSSIMA

Para Mãe, para Esposa, Templo, e Filha
Decretou a Santíssima Trindade
Lá da sua profunda eternidade
A Maria, a quem fez com maravilha.

E como esta na graça tanto brilha
No cristal de tão pura claridade
A Segunda Pessoa, humanidade
Pela culpa de Adão, tomar se humilha.

Para que foi aceita a tal Menina?
Para emblema do amor, obra piedosa
Do Padre, Filho e Pomba, essência trina:

É logo conseqüência esta, forçosa,
Que Estrela que Deus fez tão cristalina,
Nem por sombras da sombra a mancha goza.

Os quatorze versos que compõem o soneto em questão emitem, claramente, a união de Maria à Trindade. Assim, através da leitura da primeira quadra, primeiro verso, pode-se perceber a imagem de Maria pelos ícones citados em relação ao Filho (Mãe), ao Espírito (Esposa e Templo) e ao Pai (Filha), para – logo em seguida – segundo verso, antever-se a união intrínseca das Três Pessoas no mistério de um único Deus – Santíssima Trindade – a criar, desde o eterno, o ser de Maria. O Espírito desce sobre Maria e faz dela a *Théotokos*, a Mãe de Deus e de Jesus, o *Ungido*. Conclui-se, portanto, que a cristologia postula a pneumatologia, o que quer dizer que a unidade teândrica reúne em si a graça incriada à natureza criada no Espírito Santo, glorificando nesta estrutura cristológica o Deus Uno e Trino.

Escondida sob uma fraseologia em que predomina a inversão sintática dos termos, estão presentes dois conteúdos teológicos de singular importância: a origem primeira, antes de todos os séculos, de Deus Trino (terceiro verso do poema) e a criação de Maria, como já mencionado, obra-prima da Trindade. É o que se pode intuir, dada a mensagem que o poeta transmite: Maria, obra pura de um Deus em sua trina dimensão: Pai, Filho e Espírito. Para melhor

entender tal colocação, é necessário penetrar no semantismo de algumas palavras, utilizadas por Gregório em estilo figurado; a referência tal encontra-se na segunda quadra do soneto, onde as palavras – *graça/brilha/cristal/* - formam um trinômio comparativo e metafórico com vistas para o esclarecimento do adjetivo *pura*, atribuído a Maria, no complemento *obra piedosa*. Nesse sentido, Maria, feita por ato maravilhoso da Santíssima Trindade, está repleta do Espírito Santo (na graça), tal como um puríssimo cristal, (na claridade). O poeta vê Maria como uma pedra preciosa a merecer, pelo dom do Espírito, a honra de abrigar em seu seio a Pessoa do Filho, que se faz homem, por assumir a culpa de Adão, numa atitude de “despojamento” de sua natureza divina. Para o autor, Maria conota-se, então, como paradigma de pureza e consagração à Trindade. A anáfora de Hipólito, por exemplo, é bastante clara no que diz respeito à atuação do Espírito no mistério da Encarnação do Verbo:

“Nós vos damos graças, ó Deus, por vosso Filho dileto, Jesus Cristo. Vós o enviastes do céu, no ventre da Virgem, e aí, ao ser encerrado, tomou um corpo e revelou-se teu Filho, nascido do Espírito Santo e de Maria”³⁰.

É interessante notar que os fundamentos teológicos existentes na expressividade literária de Gregório não ficaram esquecidos nos anais da história barroca; antes, tiveram um alcance temporal e sociológico bastante considerável, a supor-se que a Igreja, em seu Magistério Eclesiástico, haveria de resgatar, muitos anos depois, tão inefáveis verdades, ao declarar, ecoando palavras do Concílio Ecumênico Vaticano II:

“Por este dom de graça exímia Maria supera de muito, todas as demais criaturas, celestes e terrestres”³¹.

É notório o termo *graça*, aplicado a Maria, na lírica de Gregório, como significante de um transbordar do dom e do amor do Espírito. Nesse sentido,

“Pela graça, Maria passa a ser Templo vivo do Espírito Santo, passa a vivenciar a intimidade da hipóstase divina, é elevada à dignidade de Mãe do Filho de Deus, portanto Mãe de Deus (*Theótokos*), completando, pois, a Trindade Divina”³².

³⁰ A.S.P. 281(cf. Cirilo Folch GOMES. *op. cit.* p. 444)

³¹ LG 53

³² Antônio VIEIRA. *Eu sou a Mãe do Belo Amor*. Ceará: Imprensa Oficial. 1988,p. 33-34

O termo “cheia de graça” remete diretamente a uma dádiva do Espírito, porque seu significado não se prende a um efeito ou consequência por merecimento, mas a uma causa primeira, a uma possessão permanente. No caso de Maria, essa possessão a tornou, na dimensão teológica e literária de Gregório de Mattos, imaculada, santificada pela graça divina.

É tão rico de experiência pneumatológica esse soneto de Gregório de Mattos, que é possível encontrar em seus versos o momento teológico do Mistério da Encarnação de Jesus, e como um sopro vivificante do Espírito, o que se encontra também determinado pela palavra *graça*, posto que, implicitamente. Assim:

“ A Escritura apresenta a economia da graça como a atuação de um desígnio do Divino Amor (Ef 1, 3-12), pelo qual o Pai nos envia seu Filho, e depois, o Espírito de seu Filho”.

Entende-se assim que o pensamento bíblico é apreendido com extrema perspicácia pelo poeta seiscentista, pois ao mencionar a comunhão entre as Três pessoas Divinas, irrompida no processo da Revelação, Redenção e Santificação do homem, através do Pai, do Filho e do Espírito³³, respectivamente, e a existência da criação de Maria como obra do amor e do dom da Trindade, o poeta remete a criatura humana à participação da Essência Trina de Deus.

As demais estrofes, principalmente o primeiro terceto, constituem-se como paradigmas da presença do Espírito (a quem o autor se refere como *Pomba*³⁴) na obra da criação da Virgem, uma vez que trazem, diluído em seus versos, o referencial proposto como título, cuja explicação se dá nos moldes do desfecho do poema: *sem mancha foi a concepção de Maria, porque a Trindade, em sua infinita misericórdia, assim o determinou*. Ainda nessa estro-

³³ 1Jo, 1, 3; Jo 17, 21-26

³⁴ O uso dessa imagem por Gregório de Mattos deve-se a duas razões: a palavra *Espírito*, em sua métrica silábica é um polissílabo, o que tornaria inadequada – se fosse utilizada no verso – a construção poética da unidade literária, devido à característica clássica do poema, que é a formação de versos todos em escansão de igualdade – no caso, versos decassílabos ou camoneanos (razão literária); o uso do ícone citado demonstra conhecimento de fatos bíblicos – o Batismo de Jesus – numa arrojada defesa da essência Trina de Deus, pois antecedentes (na seqüência do verso) e interligadas ao Espírito (*Pomba*), estão a Pessoa do Pai e a Pessoa do Filho (razão teológica).

fe, mais precisamente em seu último verso, é possível visualizar o pressuposto de que *"o Pai assume e assegura a unidade das Três Pessoas, num perfeito amor, na natureza una (a palavra Pai inicia o verso). A geração do Filho (segunda palavra) e a processão do Espírito (Pomba, terceira palavra) significam, antes de tudo, a consubstancialidade ao Pai, manifestação evidente da divindade e da igualdade das Três Pessoas"*³⁵.

Na intimidade de sua vida com a Essência Trina de Deus, Maria – desde toda a eternidade – foi coberta pela sombra do Espírito Santo, a fim de que pudesse, de maneira virginal, participar do plano divino da Salvação. E é pela ação do Espírito, personificação do amor, que Maria é assinalada como Mãe do Belo Amor³⁶ (*emblemata do amor*, para Gregório), ícone inspirado em Eclo 24, 24, passagem bíblica entendida pelos exegetas e pela piedade cristã como referencial à Virgem Santa.

Com o soneto *À Imaculada Conceição de Maria Santíssima*, de Gregório de Mattos, e com o pronunciamento de Pe. Antônio Vieira, em seu *Sermão de Pentecostes*, assenta-se o que foi um ensaio da Teologia do Espírito no Período Barroco, trabalhos que a lírica do poeta e a eloquência prosódica do jesuíta tão bem expuseram.

CONCLUSÃO

Trabalhar experiências e conceitos teológicos através de obras literárias é querer ter a ousadia de poder penetrar no âmago do artista da palavra, entender sua realidade de tempo e de espaço, considerar sua cultura, aceitar sua dimensão social. Mais do que isso: é fazer a descoberta de seus pensamentos mais profundos para se chegar ao momento histórico que o produziu. E é nesse momento peculiar que a autenticidade do autor e a beleza de sua obra são capazes de traçar os caminhos em direção ao caráter antropocêntrico predominante de um período histórico. Nesse sentido, o poder da literatura sugere a quase exatidão da reflexão teológica, uma vez que a antropologia é

³⁵ Paul EVIDOKIMOV. *O Espírito Santo na Tradição Ortodoxa*. São Paulo: AM. 1996, p. 30-31

³⁶ A Igreja Católica conservou esse patrimônio artístico da Renascença, revivido na Literatura Brasileira pelo estilo Barroco (cf. Antônio VIEIRA. *op. cit.* p. 130).

o lugar por excelência da teologia, dentro da perspectiva do Mistério da Encarnação e da Redenção, realizados na história humana.

Considerando o diálogo entre Teologia e Literatura, é necessário dizer que tanto uma quanto outra tem sua contribuição a dar. Assim, a Literatura pode oferecer à Teologia uma reflexão agradável sobre a Palavra de Deus, isso porque a linguagem literária, em todos os seus matizes, constitui-se como a expressão mais profunda da existência humana. Compreender o homem através de seus escritos é colocá-lo frente ao tempo que o produziu, ao espaço geográfico que o contextualizou, extraindo – assim – as melhores heranças de suas relações para com o divino.

No constante à Teologia, esta é detentora de temas, conceituações e visões que espelham as mais diversas experiências cristãs, cujo conhecimento nos é legado por uma gama de textos poéticos e prosódicos, nos diferentes gêneros literários. Assim, temas como a fé e os mistérios da fé, as verdades teológicas, as referências a Deus e à Igreja no decurso das Idades Históricas, e outros, são contemplados por um acervo imenso de textos descritivos, narrativos, dissertativos e poéticos, dando um colorido especial à dialética Arte/Ciência.

Por assim compreender esse vínculo existente entre a Literatura e a Teologia, é que me dispus a pensar e a repensar a vida e a experiência desses dois grandes nomes que o mundo conheceu e que foram filhos do mesmo espaço geográfico e do mesmo tempo histórico. O ambiente e a temporalidade os igualaram. Amadureceram a mesma verdade teológica a ser transmitida: a Trindade de Deus, no binômio *crisologia/pneumatologia*. E o fizeram cada um a seu modo. Por estilos diferentes. **Vieira e Gregório**: Literatos. Fazedores de Teologia.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, José Jobson de. PILLETI, Nelson. *Toda a História*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1997, 469 p.
- ERNANI e NICOLA. *Literatura e Redação*, 5ª ed. São Paulo: Scipioni, 1997, 303 p.
- MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*. 2ª ed. vol. I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, 575 p.
- SANTOS, Benedicto Beni dos. *O Espírito Santo, nossa força*. São Paulo: Paulus, 1998, 100 p.